

O SADISMO DO LEITOR EM *JUSTINE*

Nicole Ayres Luz

Universidade Federal Fluminense (UFF)

(nicolealuz@netway.psi.br)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o sadismo do leitor na obra *Justine ou os tormentos da virtude*, do Marquês de Sade, publicada em 1791. Discorreremos sobre *Justine* e como o leitor pode ser considerado sádico, visto que pode sentir prazer com os seguidos sofrimentos da personagem-título, protegido pelo pacto ficcional. Para tal, serão utilizados os conceitos de monstruosidade, de Jeffrey Jerome Cohen, de medo artístico, de Júlio França, de leitor modelo e de leitor empírico, de Umberto Eco e de catarse de Aristóteles, além de alguns nomes da estética da recepção, Jauss e Iser. Também abordaremos o conceito de sadismo na ciência e na literatura.

Palavras-chave: Sadismo; Leitor; Recepção; Marquês de Sade; Justine.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Nicole Ayres Luz

Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), orientada pela Profa. Dra. Carla de Figueiredo Portilho. Sua pesquisa consiste numa análise comparativa entre as obras *Justine*, do Marquês de Sade, e *Psicopata Americano*, de Bret Easton Ellis, com foco no sadismo do leitor.



lattes.cnpq.br/0122864715261498

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

O SADISMO DO LEITOR EM *JUSTINE*

Nicole Ayres Luz

Universidade Federal Fluminense - UFF

(nicolealuz@netway.psi.br)

Introdução

A literatura do Marquês de Sade sempre suscitou inúmeras polêmicas, por seus personagens cruéis e perversos. Em *Justine*, deparamo-nos com uma jovem moça que passa por diversas provações e abusos até sua morte trágica. É possível se apiedar dessa grande vítima da maldade humana, mas também é possível sentir prazer com sua desgraça. Por sabermos se tratar de ficção, podemos fruir da narrativa sem culpa. É o que postula Júlio França (2017) com seu conceito de “medo artístico”.

Desde Aristóteles (2017), há uma reflexão sobre os efeitos de recepção do leitor, inicialmente com o conceito de “catarse”. Mais recentemente, com a estética da recepção, nomes como Jauss (1999) e Iser (1994) defendem a importância de focalizar a figura do leitor nos estudos literários, para entender o ser humano e a sociedade. No caso de Sade, trata-se da época da libertinagem e da queda da aristocracia, o que se reflete em seus romances. Seus personagens possuem como único fim obter prazer, notadamente com o sofrimento de suas vítimas. Normalmente, são homens que abusam de mulheres. Entretanto, também existem algumas mulheres que escolhem ser libertinas, como nos mostra Stéphanie Genand (2015).

Da obra do marquês derivou o conceito de sadismo, a princípio na psiquiatria, depois também na própria literatura até se generalizar como o ato de sentir prazer com a dor alheia. Os libertinos sadianos são sádicos, mais especificamente monstros sádicos, monstros humanos, de acordo com as teorias da Jeffrey Jerome Cohen (2000). Porém, a perversão também possui seu lado criativo, principalmente nas artes, como nos mostra Elizabeth Roudinesco (2008).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Além disso, a obra de Sade tem dois vieses interpretativos, segundo nos aponta o próprio autor: o de denúncia e o de incitação ao crime. Cabe ao leitor interpretá-la de acordo com sua perspectiva. Assim, veremos como o leitor pode ser considerado sádico, incorporando o sadismo dos próprios libertinos sadianos, ainda que não necessariamente vá cometer os mesmos atos que estes.

Para tal, analisamos os mecanismos do texto que poderiam indicar os efeitos de medo e prazer, a partir do aporte das referências bibliográficas e de citações da própria obra, assim como de outros romances de Sade. Tendemos a considerar que o leitor espelha os sentimentos dos personagens e, dessa forma, apieda-se da vítima, porém ele também pode reproduzir o comportamento dos próprios personagens monstruosos e sádicos, sentindo prazer com as cenas de tortura e morte.

Justine, a vítima por excelência

Donatien Alphonse François de Sade, o Marquês de Sade (1740-1814), teve uma vida quase tão conturbada quanto sua obra. Ele foi preso e internado em hospícios inúmeras vezes por acusações diversas, como maltratar e envenenar prostitutas, participar de orgias e atuar politicamente contra o sistema. Foi perseguido por todos os regimes políticos de sua época. Deste modo, criou a maior parte de sua produção literária encarcerado. Com medo de perseguição, não assumiu a publicação de obras como *Justine* e *Juliette*, que conquistaram sucesso de público, ainda que clandestinamente.

Sua obra é um verdadeiro inventário das paixões humanas, onde os libertinos pregam uma filosofia do Mal, justificando suas ações cruéis e injustas de acordo com o que chamam de “leis da natureza”. A partir dessa ótica, o mais forte vence o mais fraco e nada pode impedi-lo de atingir o gozo. Com isso, o autor inspirou a criação do conceito de “sadismo”, que se caracteriza pela capacidade de sentir prazer a partir da dor alheia.

Apenas muito depois de sua época, Sade se tornaria um clássico da literatura francesa. Jean-Jacques Pauvert publicou sua obra completa a partir de 1949 e sofreu um processo por isso em 1960. Mais tarde, ao final do século XX, Michel Delon o incluiu na Bibliothèque de la Pléiade, série da editora Gallimard dedicada às obras consagradas da literatura universal.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Justine ou os tormentos da virtude foi uma das obras que Sade conseguiu publicar em sua época. Ele escreveu sua primeira versão quando tinha cinquenta anos. *Juliette*, a história da irmã viciosa de Justine, foi publicado entre 1797 e 1801, acompanhando *Nouvelle Justine*.

Em *Justine*, a personagem-título é uma moça bem-educada que cai em desgraça após perder seus pais. A irmã, Juliette, se torna prostituta e adquire certo prestígio social, enquanto Justine escolhe se guiar pela virtude e só encontra sofrimento por onde passa. Pobres e ricos, homens e mulheres se aproveitam da fragilidade e inocência da jovem. Quem tenta ajudá-la de algum modo acaba sendo removido do caminho. E, quando lhe oferecem alguma proposta de roubo ou assassinato, ela recusa, preferindo se manter fiel aos seus valores. Com isso, é injustamente acusada de crimes que não cometeu, violada, torturada e quase assassinada durante sua jornada. Os libertinos que encontra tentam convencê-la de sua filosofia do crime, porém ela sempre se mantém virtuosa em suas escolhas, ainda que estas lhe conduzam apenas a mais sofrimento. Ao final, encontra sua irmã Juliette, que consegue protegê-la e abrigá-la. Em pouco tempo, porém, ela é atingida por um raio e morre tragicamente.

A protagonista percorre diversas cidades da França na busca de amparo, mas só encontra sofrimento. De acordo com Roland Barthes (2005, p. 3), “a viagem sadiana não ensina nada”, pois “o que importa percorrer não são contingências mais ou menos exóticas, é a repetição de uma essência, a do crime” (*Ibidem*, pp. 3-4). Em todo lugar para onde vai, Justine encontra sempre a mesma coisa, isto é, apenas graus variados de perversidade, de todas as camadas da população. Há libertinos com sua filosofia e prática criminosa ocupando posições de poder espalhados pelo país, quiçá pelo mundo, pois exemplos internacionais são citados em suas falas. Assim, o conceito de libertinagem ultrapassa barreiras culturais e geográficas. Em Sade, há apenas dois papéis possíveis: o de libertino ou o de vítima. E, no universo sadiano, o crime compensa enquanto a virtude é atacada. As próprias leis oficiais são contestadas para que prevaleçam as “leis da natureza”, que favoreceriam o gozo, objetivo final de todo libertino sadiano.

Ainda de acordo com as observações de Barthes, complementadas por Eliane Robert Moraes (2015), tudo é previamente calculado, a alimentação, a vestimenta, o cenário, os gastos financeiros e energéticos para que se atinja o gozo, a partir da subjugação das vítimas. Sade “raciocina o crime” (BARTHES, 2005, p. 18), isto é, filosofa e naturaliza o mal, que só é possível através da transgressão – da lei, dos costumes sociais, da moral e da própria linguagem. “O crime tem exatamente a mesma ‘dimensão’ que a palavra” (*Ibidem*, p. 28): é tanto teorizado quanto praticado. Há sempre uma tentativa de convencimento da vítima por parte do libertino; ele acredita que o que faz é lógico e natural, por isso prega sua filosofia com convicção.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Desse modo, “quanto mais vítimas fazem, mais felizes [os libertinos] estarão”, aponta Moraes (2015, p. 24). Eles desejam difundir seu discurso e ampliar suas práticas. Para isso, dependem da existência das vítimas em potencial. E Justine representaria a vítima por excelência, já que não abandona seus valores morais e religiosos, sempre caindo nas armadilhas dos libertinos que cruzam o seu caminho. Quando estes tentam lhe oferecer oportunidades financeiras no mundo do crime, ela recusa e segue buscando por uma via virtuosa, sem jamais obter sucesso. No momento em que parece encontrar algum conforto ao lado de Juliette, também libertina, porém piedosa com a irmã, acaba falecendo tragicamente. Juliette é protagonista de outro romance de Sade, onde ele narra suas aventuras e explica como ela, ao contrário da irmã, obteve sucesso no mundo da libertinagem e do crime. Ela também viaja pelo território francês e encontra os mesmos tipos de libertinos que Justine, porém escolhe ser colaborativa para conseguir vantagens.

Enquanto isso, Justine realiza uma espécie de peregrinação religiosa, conforme analisa Moraes (*Ibidem*, p. 38):

Dos esconderijos nas florestas, onde é obrigada a conviver com os bandidos de Coeur-de-Fer, ao obscuro gabinete do cirurgião Rodin no burgo de Saint-Marcel, em que testemunha experiências assassinas, do serralho do sinistro mosteiro de Saint-Marie-des-Bois até ser aprisionada nos subterrâneos do castelo de Rolando, nas montanhas dos Alpes, Justine faz uma verdadeira via-sacra.

Ainda segundo a autora, essa peregrinação só terminaria com a morte, pois as recompensas por sua devoção não se encontram neste mundo.

A monstruosidade

Os libertinos sadianos, por suas ações, podem ser considerados monstruosos. Neste ponto, vamos seguir a proposta de Jeffrey Jerome Cohen (2000) de compreender as culturas através dos monstros que elas engendram. Para isso, ele desenvolve sete teses.

A primeira é de que “o corpo do monstro é um corpo cultural”, isto é, incorpora determinado momento cultural, os medos e os anseios de uma sociedade. No caso, os libertinos sadianos incorporam a cultura da libertinagem da sociedade francesa do século XVIII, expressa em livros como *Ligações Perigosas*, de Choderlos de Laclos.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

A segunda é: “o monstro sempre escapa”, transformando-se sempre de modo a retornar, mesmo quando morto. Os libertinos sadianos sempre aparecem nos livros de Sade. Não há arrependimento nem pena para os personagens monstruosos. Todos saem impunes, prontos para procurar novas vítimas.

A terceira: “o monstro é o arauto da crise de categorias”, devido a seu caráter híbrido, à sua difícil delimitação em sistemas de categoria; ele desafia a ordenação social, as distinções categóricas. Os libertinos sadianos possuem suas próprias regras e desafiam as leis e as convenções sociais.

A quarta: “o monstro mora nos portões da diferença”, isto é, representa a alteridade, as diferenças políticas, raciais, econômicas, sociais, etc., aquilo que se quer excluir. Na verdade, os libertinos são como um modelo social às avessas. Eles representam a ameaça daquele que está próximo e de quem não se espera o mal.

A quinta: “o monstro polícia as fronteiras do possível”, alerta para os perigos da ultrapassagem de fronteiras, impelida pela curiosidade, o que arrisca tornar-se vítima do monstro ou o próprio monstro. No caso, o leitor deve tomar esse cuidado, pois, se imergir excessivamente na história, pode descobrir em si a própria monstruosidade. Os libertinos sadianos tentam convencer Justine e o leitor de seu raciocínio do crime, muito lógico, apesar de imoral.

A sexta: “o medo do monstro é realmente uma espécie de desejo”, ou seja, por estar ligado a práticas proibidas, o monstro também atrai. Ele provoca, ao mesmo tempo, atração e repulsa. Os libertinos sadianos oferecem a Justine – e ao leitor – um mundo de prazeres, caso escolha seguir o caminho do vício.

Por fim, a sétima tese: “todo monstro está situado no limiar... do tornar-se”, isto é, os monstros são criados pela sociedade e vêm lhe cobrar o preço de por que se tornaram monstros ou são assim julgados. Os libertinos, através do comportamento criminoso, obtêm lucros e vantagens. Eles são fruto da sociedade a que pertencem, onde o mais forte prevalece, e depois contestam as próprias leis sociais, pois não se igualam às “leis da natureza”.

Apesar de Cohen exemplificar suas teses com monstros notadamente sobrenaturais, como vampiros e aliens, é possível associar os conceitos ao monstro humano, moral, que apresenta desvios de comportamento. Portanto, os libertinos sadianos são monstros humanos, já que cometem ações monstruosas. Mais especificamente, monstros sádicos.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

O conceito de sadismo

Encontramos, em *Justine*, a própria descrição do sadismo, no sentido de sentir prazer com a dor alheia:

Ah! Querida menina, não podes imaginar até onde nos leva essa depravação, o estado de embriaguez em que ela nos deixa, a violenta comoção que acontece, no fluído elétrico, com a irritação produzida pela dor sobre o objeto que serve a nossas paixões; **que excitação sentimos por teus males!** O desejo de ampliá-los... eis o obstáculo dessa fantasia, eu sei, mas seria esse obstáculo algo a se temer para quem não se importa com nada? (SADE, 2019, p. 141, grifo nosso)

O conceito de sadismo é derivado da obra do Marquês de Sade. A partir de seus personagens libertinos, em geral aristocratas cruéis, sem religião, moral ou pudor, que se apropriam livremente do corpo de suas vítimas para sua excitação, estabeleceu-se a noção de uma sexualidade violenta, egoísta e tirânica. Em sua acepção mais ampla, o sadismo seria até hoje compreendido como o ato de sentir prazer com a dor alheia. Um prazer notadamente de caráter sexual.

No dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, o verbete “sadismo” consta como uma “perversão caracterizada pela obtenção de prazer sexual com a humilhação ou sofrimento físico de outrem; algolagnia ativa”, “satisfação, prazer com a dor alheia” e “extrema crueldade” (HOUAISS; SALLES, 2009); a palavra “masoquismo” é apontada como antônimo. De modo semelhante, Evanildo Bechara conceitua o termo como “perversão que consiste em infligir sofrimento ao parceiro sexual para alcançar prazer”, ou simplesmente o “prazer com o sofrimento alheio” (BECHARA, 2009). Note-se o sentido sexual da palavra, que indica controle, dominação e violência no ato sexual.

Conforme aponta Eliane Robert Moraes (2011), a primeira ocorrência dicionarizada do termo estaria na oitava edição do *Dicionário universal da língua francesa*, de Pierre Claude-Victor Boiste, em 1834: “aberração horrível do deboche¹; sistema monstruoso e antissocial que revolta a natureza”. O dicionário aponta ainda a origem da palavra: “De Sade, nome próprio” e inclui a observação “em uso”, indicação de que o conceito já existia pelo menos desde o início do século XIX, provindo do indivíduo Sade e de sua obra.

¹ O sentido de deboche, nesse contexto, está relacionado à mundanidade, ao livre exercício da sexualidade, e não ao riso satírico, que é a acepção do vocábulo mais corrente, na atualidade.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

O termo só ganhou notoriedade, no entanto, a partir dos estudos clínicos que se propunham a classificar os desvios sexuais. Na última década do século XIX, o médico francês Lacassagne o utilizou em seus tratados de medicina legal, para se referir a uma forma patológica de desvio do instinto sexual. Lacassagne contribuiu para os estudos de jurisprudência médica e antropologia criminal. Ele acreditava que os fatores mais importantes para definir um criminoso seriam o biológico e o social e se opunha à teoria do “criminoso nato”, de Lombroso.

Outro autor importante para o desenvolvimento da psicologia forense foi o psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing. Na sexta edição de *Psychopathia sexualis*, em 1891, ele definiu o sadismo como uma psicopatologia. Sua obra tornou-se referência para os estudos de patologia e, a partir de seus preceitos, é possível depreender a noção clínica do sadismo.

Krafft-Ebing (2000) propõe-se a descrever as manifestações patológicas da vida sexual e relacioná-las a suas condições de produção. Para o psiquiatra, toda prática sexual que não corresponda ao propósito da natureza, o da propagação, é considerada perversa. Dentre esses desvios, são mencionados a homossexualidade, o fetichismo, o onanismo, a zoofilia, o masoquismo e o sadismo².

O psiquiatra descreve o sadismo como a associação entre luxúria e crueldade, destacando como a literatura, a partir da obra de Sade, vale-se da noção para designar o comportamento perverso semelhante ao dos personagens libertinos sadianos. Fisiologicamente, o homem possuiria um instinto sexual agressivo enquanto a mulher tenderia à passividade. Assim, durante o processo de conquista amorosa, o homem “ataca” e a mulher se defende, até que ele vença sua resistência. Porém, se o instinto agressivo do homem é exagerado, ele desenvolve um impulso de subjugar o objeto de desejo, chegando ao ponto de destruí-lo ou matá-lo. O sadismo seria, então, uma intensificação patológica, excessiva e monstruosa da manifestação da sexualidade, ocorrida principalmente em homens, que não necessariamente possuem a consciência de sua patologia.

Quando luxúria e crueldade se associam, uma estimularia a outra, isto é, o sofrimento alheio provocaria excitação sexual no indivíduo sádico, que, conseqüentemente, infligiria ainda mais dor no outro, para potencializar o seu próprio prazer. Segundo Krafft-Ebing, o sadismo ocorreria quando o coito é insatisfatório, ou para compensar a impossibilidade da libido. O indivíduo recorreria, portanto, à prática sádica para compensar uma disfunção fisiológica.

² Atualmente, na sociedade ocidental, algumas dessas práticas, como a homossexualidade, não são mais consideradas como patologias ou desvios.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

A perversão e suas variações eram estudadas pelos psiquiatras do século XIX com o fim de ser combatidas, curadas, já que os perversos eram considerados nocivos para a convivência em sociedade. No início do século XX, Sigmund Freud (1996) contestou o tom acusativo dos médicos que classificavam, num julgamento moralizante, a perversão como doença. Para o psicanalista, a perversão, na verdade, derivaria de componentes que estão presentes mesmo na vida sexual sadia. Em determinado grau, todos somos perversos, já que podemos incorporar elementos perversos, desviantes, na manifestação da sexualidade, seja durante alguma fase de desenvolvimento, seja como complemento ao estímulo. A diferença estaria na superação do elemento perverso, no caso dos que conseguem manter uma vida sexual regular, ou em sua fixação, no caso daqueles que desenvolvem desvios patológicos em sua prática sexual.

A perversão, enquanto comportamento desviante da norma, também possui seu lado criativo, libertador, quando utilizada para fins artísticos – como é o caso da própria literatura de Sade. É o que percebe, em uma abordagem mais moderna, a psicanalista Elisabeth Roudinesco (2008). Em *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*, ela se propõe a analisar casos históricos e literários em que a perversão, ao mesmo tempo em que revela um lado sombrio da natureza humana, é capaz de fascinar escritores e psiquiatras, que tentam descrevê-los, classificá-los, compreendê-los.

A perversão é, portanto, ao mesmo tempo uma potência criadora e destruidora, libertação de si e aprisionamento do outro. Os libertinos sadianos são extremamente criativos em suas práticas; sua crueldade potencializa-se justamente por essa variedade de modos de abuso da vítima.

Sade, para Roudinesco, seria o “fundador da noção moderna de perversão” (*Ibidem*, p. 27). Ele teria radicalizado os princípios do Iluminismo e criado uma nova ordem disciplinar, em que não haveria limites para o gozo do corpo. Os libertinos sadianos libertam-se das leis divinas e humanas, vivem excitando seus sentidos e satirizando as convenções. Eles tratam o outro como objeto e procuram as combinações mais variadas e implausíveis para se satisfazer, dentro do princípio de uma norma invertida.

Existe, entretanto, uma ordenação nas transgressões dos libertinos sadianos, um discurso lógico por trás das práticas cruéis. Sade postula uma filosofia do mal, baseada em uma natureza despótica. Ele eleva a perversão à sua potência máxima, ao permitir toda prática que gere a excitação: seus libertinos usam o próprio corpo e o corpo da vítima à exaustão, testando até a última possibilidade combinatória. Porém, se os objetivos de médicos como Krafft-Ebing são de estudo científico e de normatização da sexualidade, Sade, por sua vez, realiza uma transgressão não só das normas de prática sexual estabelecidas à época, mas dos limites da própria literatura.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Simone de Beauvoir, em seu ensaio “Deve-se queimar Sade?”, de 1955, afirma que o valor de Sade como escritor é frequentemente ignorado pela crítica. Ela considera que o erotismo sadiano, o desejo egoísta e tirânico de seus libertinos, é manifestado pela imaginação. Para o leitor, o projeto permanece no plano do discurso, da fantasia.

“Não é pela crueldade que se realiza o erotismo de Sade: é pela literatura” (BEAUVOIR, 1961, p. 19), isto é, o sadismo está vinculado a um discurso literário, e é sempre deste que se parte para analisá-lo como fenômeno, seja na conceituação clínica, filosófica ou artística. E o discurso de Sade é lúcido, ordenado e didático. Existe uma proposta filosófica e um projeto artístico em sua obra, aos quais é necessário tentar acessar para adquirir uma concepção mais ampla do sadismo. Assim, é possível afirmar que o sadismo se constrói, essencialmente, pelo discurso, pelo viés da imaginação, manifestada com os recursos da linguagem.

Segundo o próprio Sade, no prefácio a *Os crimes do amor*, no romance deve-se representar a natureza humana, seus vícios e paixões, e nem sempre fazer triunfar a virtude sobre o vício é o caminho mais interessante para o escritor. Comover o leitor pela aniquilação do herói, explorando as diversas contradições do coração humano, parece ser uma escolha estética bastante eficaz, de acordo com o raciocínio sadiano. Note-se o argumento moralista usado pelo autor para rebater as críticas:

Não quero que se ame o vício; não tenho, como Crébillon e Dorat, o perigoso projeto de fazer com que as mulheres gostem dos personagens que as enganam; quero, ao contrário, que os detestem. É o único meio que pode impedi-las de se tornarem vítimas e, para ter êxito nisso, mostrei aqueles meus heróis que seguem a carreira do vício de um modo tão assustador, que certamente não inspirarão nem pena, nem amor. Com isso, ousou dizer, torno-me mais moral do que aqueles que se permitiram embelezá-los. (SADE, 2002, p. 8)

No entanto, no prefácio a obras como *A filosofia na alcova* (1999), o escritor dedica o livro aos libertinos, às mulheres lúbricas, àqueles que seguem suas paixões sem pudores, e deseja que seus personagens os inspirem:

Voluptuosos de todas as idades e de todos os sexos, é a vós somente que dedico esta obra; alimentai-vos de seus princípios que favorecem vossas paixões; essas paixões que horrorizam os frios e tolos moralistas são apenas os meios que a natureza emprega para submeter os homens aos fins que se propõe. Não resistais a essas paixões deliciosas: seus órgãos são os únicos que vos devem conduzir à felicidade. (*Idem*, p. 4)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Existiriam, portanto, a partir dos prefácios apresentados, duas perspectivas contraditórias sobre a obra polêmica do Marquês: uma que poderia tomá-la como denúncia dos vícios, outra que a encararia como incitação ao crime. Cabe ao leitor formar sua interpretação, de acordo com seu senso crítico e seus objetivos de leitura.

O medo artístico

Júlio França (2017) denomina “literatura do medo” o conjunto de escritos que se caracterizariam por produzir o medo como efeito artístico. Para tal, faz-se valer uma série de características, de acordo com o gênero a que a obra pertence. Consideramos que o principal elemento para causar medo no leitor seria a utilização de monstros, seres letais que incorporam, conforme postula Cohen (2000), os medos e anseios de uma sociedade.

É possível encontrar passagens que trabalham o efeito do medo em diversas obras canônicas. Para demonstrá-lo, França menciona textos que vão da *Odisseia*, de Homero, no século XVIII a. C., à *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, passando pelo *Apocalipse de São João*, da Bíblia cristã. Nessas obras, há monstros assustadores, imagens tenebrosas do inferno, perigos ocultos no caminho.

Porém, quais seriam os objetivos de se provocar o medo como efeito de recepção? França considera que o objetivo principal das narrativas é provocar reações emocionais. A forma e o conteúdo literários estimulam a mente e os sentidos do leitor. A literatura do medo, especificamente, por deixá-lo em uma posição desconfortável, ao provocar-lhe uma reação negativa, obriga-o a repensar sua maneira de encarar o mundo.

A literatura do medo pode promover prazer, pelo uso de técnicas narrativas, mas também causa estranhamento, pela sensação de desconforto gerada por seus elementos aterrorizantes e repulsivos. Ela envolve questões morais, posto que trabalha com o conceito de mal, e nos obriga a encarar o lado mais sombrio da humanidade.

O medo é uma emoção negativa, dolorosa quando experimentada no cotidiano. Na ficção, porém, onde não há uma ameaça real, ele se produz enquanto emoção estética. Os efeitos provocados pela ficção são investigados pelo menos desde Aristóteles. Na *Poética*, ele introduz o conceito de “catarse”, que consistiria em uma “purificação” ou “descarga” das emoções do público:

Júlio França (2017) denomina “literatura do medo” o conjunto de escritos que se caracterizariam por produzir o medo como efeito artístico. Para tal, faz-se valer uma série de características, de acordo com o gênero a que a obra pertence. Consideramos que o principal

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

elemento para causar medo no leitor seria a utilização de monstros, seres letais que incorporam, conforme postula Cohen (2000), os medos e anseios de uma sociedade.

É possível encontrar passagens que trabalham o efeito do medo em diversas obras canônicas. Para demonstrá-lo, França menciona textos que vão da *Odisseia*, de Homero, no século XVIII a.C., à *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, passando pelo *Apocalipse de São João*, da Bíblia cristã. Nessas obras, há monstros assustadores, imagens tenebrosas do inferno, perigos ocultos no caminho.

Porém, quais seriam os objetivos de se provocar o medo como efeito de recepção? França considera que o objetivo principal das narrativas é provocar reações emocionais. A forma e o conteúdo literários estimulam a mente e os sentidos do leitor. A literatura do medo, especificamente, por deixá-lo em uma posição desconfortável, ao provocar-lhe uma reação negativa, obriga-o a repensar sua maneira de encarar o mundo.

A literatura do medo pode promover prazer, pelo uso de técnicas narrativas, mas também causa estranhamento, pela sensação de desconforto gerada por seus elementos aterrorizantes e repulsivos. Ela envolve questões morais, posto que trabalha com o conceito de mal, e nos obriga a encarar o lado mais sombrio da humanidade.

O medo é uma emoção negativa, dolorosa quando experimentada no cotidiano. Na ficção, porém, onde não há uma ameaça real, ele se produz enquanto emoção estética. Os efeitos provocados pela ficção são investigados pelo menos desde Aristóteles. Na *Poética*, ele introduz o conceito de “catarse”, que consistiria em uma “purificação” ou “descarga” das emoções do público:

É, pois, a tragédia a mimese de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada, com cada uma das espécies de ornamento distintamente distribuídas em suas partes; mimese que se efetua por meio de ações dramatizadas e não por meio de uma narração, em função da compaixão e do pavor, realiza a catarse de tais emoções. (ARISTÓTELES, 2017, p. 71-72).

É um conceito criado para a tragédia, que pode ser aproveitado para a literatura em geral. Os estudos narrativos passam a adotar esse princípio e autores como Edgar Allan Poe, H. P. Lovecraft e Stephen King analisam os efeitos de recepção da obra de horror – um dos principais gêneros da literatura do medo. França (2017) denomina “medo artístico” o efeito causado pela literatura do medo, em que o leitor, protegido pelo pacto ficcional, é capaz de fruir a narrativa e obter prazer na leitura.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

O sadismo do leitor

O leitor, distanciado da trama ficcional, pode se deliciar com os martírios e questionamentos da personagem, enquanto reflete sobre suas próprias perversidades. Podemos considerar o leitor sádico porque ele é capaz de saborear cada momento de adversidade vivido por Justine, já que é protegido pelo pacto ficcional. Essa história ficcional nos revela muito sobre quem somos, individual e socialmente.

Os estudos que focalizam a figura do leitor, como a estética da recepção, contribuem muito para a teoria da literatura, afinal, sem leitor não há interpretação. Hans Robert Jauss (1994), em *A história da literatura como provocação à teoria literária*, critica a maneira de se fazer teoria e crítica literária em 1970, notadamente por meio das escolas marxista e formalista, e enfatiza a importância de se considerar o leitor nesse processo.

Acreditamos que a literatura serve como espelho da sociedade e do ser humano. O leitor, ao acompanhar as narrativas analisadas, se depara com tendências de comportamento da época e outras universais: “Como leitores, estamos assim enredados no texto, sendo simultaneamente capazes de observar a nós mesmos nesse enredamento” (ISER, 1999, p. 66). Para Iser, essa “auto-interpretação humana” só é possível através do fictício e do imaginário, ao mesmo tempo em que uma obra ficcional só pode ser apreendida através dos efeitos que causa.

Segundo Umberto Eco (1994), autor que também focaliza a experiência de leitura, enquanto o “leitor empírico” é aquele de carne e osso, o “leitor modelo” é o que preenche exemplarmente as lacunas de interpretação. Podemos nos perguntar qual seria o “leitor modelo” da obra de Sade. Tendemos a acreditar que seria aquele capaz de compreender as referências da época citadas, identificar os comportamentos padrão e questionar-se sobre a sociedade e sobre si mesmo. No caso de Sade, o leitor da época seria capaz de identificar as referências à cultura clássica greco-romana e aos libertinos célebres daquele século. Já o leitor contemporâneo deve pesquisar tais referências para melhor compreender as críticas e observações feitas.

Creemos também que o público leitor masculino é ainda mais distanciado das personagens femininas e isso contribui para um possível sadismo do leitor. Mas as leitoras mulheres também podem ser igualmente sádicas. Sade expõe o machismo existente na sociedade e nos faz refletir sobre o papel da mulher no meio social através de sua protagonista.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Quanto à verossimilhança da obra, ainda de acordo com Eco (*Ibidem*, p. 82): “A obra de ficção nos encerra nas fronteiras de seu mundo e, de uma forma ou de outra, nos faz levá-la a sério”. cremos que é possível acontecer, em alguma medida, os maltratos sofridos por Justine. Somos capazes de nos deliciar com suas desventuras e, por sabermos que se trata de ficção, isso não nos torna (necessariamente) maus. Identificamos na obra tanto as hipocrisias sociais quanto nosso próprio lado obscuro, por meio dos comportamentos das personagens.

Segundo Barthes (2015), existem textos de prazer e textos de fruição. O texto de prazer está ligado a uma prática confortável de leitura, é aquele que nos preenche, que vem da cultura. Já o texto de fruição é aquele que incomoda, que nos esvazia, que nos faz questionar nossos valores. O texto de Sade, pelo extremo incômodo que provoca, seria, portanto, de fruição. Barthes comenta:

Sade: o prazer da leitura vem evidentemente de certas rupturas (ou de certas colisões): códigos antipáticos (o nobre e o trivial, por exemplo) entram em contato; neologismos pomposos e derrisórios são criados; mensagens pornográficas vêm moldar-se em frases tão puras que poderiam ser tomadas por exemplos de gramática. (*Ibidem*, p. 11)

Dessa forma, o prazer sentido ao ler Sade dá-se pela ruptura com as normas sociais e com a própria linguagem. Barthes diz ainda: “Muitos leitores são perversos, implicam uma clivagem” (*Ibidem*, p. 58); o leitor sabe que se trata de ficção, e ainda assim se emociona, como se aquela história fosse real. Para Barthes, a leitura mais perversa é a trágica, pois o leitor sabe o que vai acontecer, que Édipo, por exemplo, ficará cego de horror, e do mesmo modo acompanha toda a trama.

Assim, nossa hipótese é que o leitor é “sádico” na medida em que sabe que a trama só evolui através do conflito e espera com interesse o desenrolar da tragédia, curioso para descobrir qual será a próxima armadilha em que cairá Justine.

Uma leitora libertina?

Podemos nos perguntar, nesse ponto, quais seriam as reações das leitoras, mais especificamente. A princípio, podemos supor que elas se sentiriam ultrajadas ao testemunhar tamanha violência contra suas semelhantes. No entanto, acreditamos que elas podem também sentir prazer com tais cenas. Segundo Cohen, o monstro provoca, ao mesmo tempo, atração e repulsa. Então, é possível sentir simultaneamente emoções positivas e negativas ao longo da leitura. Um dos efeitos produzidos pode ser o de humor.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Isabelle Gonçalves (2024, p. 6, tradução nossa) postula que “o riso pode assim permitir o distanciamento do texto. Ele permitiria às mulheres de se proteger contra a violência do texto. Trata-se de um riso de defesa, de um riso contra o horror”³. Poderia se tratar, portanto, de um riso cúmplice ou crítico. As situações retratadas são tão extremas e violentas que nós rimos, também por ser quase inverossímil. Além disso, estamos no domínio da ficção, onde tudo é permitido.

E, se podemos rir, se nos divertimos, podemos também sentir prazer. Um prazer sádico, por que não? É preciso lembrar que as mulheres também podem ser libertinas. Mesmo que elas devam permanecer submissas aos homens, por causa da lei do mais forte, é permitido a elas sentir prazer nas relações. Em *Justine*, um exemplo de libertina bem-sucedida, por assim dizer, seria a Dubois. Ela se torna rica e respeitável, como consequências de seus atos corruptos. É um exemplo ainda mais forte que Juliette, pois a Dubois possui um discurso libertino.

Já Justine escolhe permanecer honesta, o que representa também uma resistência. De acordo com Stéphanie Genand (2015, p. 17, tradução nossa):

Justine não recusa o gozo, mas a predação fálica. Ela não foge do prazer, mas da violência da qual o próprio Sade, por intermédio do padre Clément, explicita o caráter substitutivo. Sem conseguir dominar o orgasmo das mulheres, sempre esquivo e possivelmente fingido, é melhor visar sua dor [...].⁴

As personagens femininas de Sade possuem a liberdade de escolher seu trajeto: a Dubois e Juliette desejam ser libertinas, Justine prefere preservar seus valores. Em meio às possibilidades numa sociedade patriarcal e corrupta, elas podem fazer suas escolhas. O mesmo vale para a leitora: “a mulher pode rir com Sade e, mais que isso, gozar com Sade, e ela própria tomar-lhe a pluma” (GONÇALVES, 2024, p. 18)⁵.

³ No original: « Le rire peut ainsi permettre la mise à distance du texte. Il permettrait aux femmes de se prémunir contre la violence du texte. Il s’agit d’un rire de défense, d’un rire contre l’effroi ».

⁴ No original: « Justine ne refuse donc pas la jouissance, mais la prédation phallique. Elle ne fuit pas le plaisir, mais la violence dont Sade lui-même, par l’intermédiaire du père Clément, explicite le caractère substitutif. Faute de maîtriser l’orgasme des femmes, toujours susceptible de se dérober ou de se feindre, mieux vaut viser leur douleur [...] ».

⁵ No original: « la femme peut rir avec Sade et, plus que cela, jouir avec Sade et, elle-même, lui prendre la plume ».

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Considerações finais

Podemos então concluir que os libertinos sadianos são monstruosos, mais especificamente, monstros humanos e sádicos, devido a suas ações cruéis. Ao focalizar os efeitos de recepção, consideramos a importância da interpretação do leitor, que tanto pode condenar quanto compactuar com o sadismo dos personagens. O sadismo do leitor é artístico, assim como o medo artístico conceituado por Júlio França. A obra de Sade pode suscitar o medo, dentre outras emoções incômodas e de estética negativa. Porém, não se trata de uma ameaça real, visto que o leitor está protegido pelo pacto ficcional. Desse modo, ele pode sentir prazer com o sofrimento de Justine sem culpa.

Adeptos da lei do mais forte, como na natureza, os libertinos lutam por sua ascensão social e, para isso, não medem esforços, cometendo diversos assassinatos pelo caminho. O leitor, inclusive, pode ser mais uma de suas vítimas, se não tomar cuidado, ou será um comparsa, *voyeur* dos crimes cometidos.

O sadismo dos personagens se estende ao leitor (e à leitora), que pode sentir prazer com as cenas de tortura, sabendo que se trata de ficção e que todos estão a salvo. Justine descreve em detalhes sua peregrinação, os abusos que sofreu. Frente a isso, podemos nos apiedar das vítimas, porém, no fundo, também podemos apreciar as descrições de suas torturas e mortes, ainda que seja um prazer estético, artístico. E também podemos temer pela realidade do que esses monstros humanos representam. Quando libertinos torturadores e assassinos estão à solta, ninguém escapa, todos são vítimas em potencial.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. Edição bilíngue. Tradução de Paulo Pinheiro. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Tradução de Mário Laranjeira, revisão da tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. Deve-se queimar Sade? In: Jamil Almansur Haddad (org.). **Novelas do marquês de Sade**. Tradução de Augusto de Sousa. São Paulo: Difel, 1961, pp. 1-37.
- BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009, p. 796.
- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome. **A pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FRANÇA, Júlio, org. **Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 1701-1707.
- GENAND, Stéphanie. **Le libertinage existe-t-il au féminin ? Le cas Justine dans l'œuvre de Sade**. Dans Revue de la BNF Revue de la BNF 2015/2 (n° 50), 2015/2 (n° 50), p. 14 a 19.
- GONÇALVES, Isabelle. **La lectrice de Sade : une femme qui rit ?**, Fabula / Les colloques, Sade en jeu (dir. Jean-Christophe Abramovici, Florence Lotterie, Eric Marty), URL: fabula.org/colloques/document5880.php. Consultado em 11 de novembro de 2024.
- HOUAISS, Antonio; SALLES VILLAR, Mauro de. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 693.
- ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, J.C.C. **Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- KRAFFT-EBING, Richard von. **Psychopathia Sexualis: as histórias de caso**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MORAES, Eliane Robert. **Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- MORAES, Eliane Robert. **Sade: a felicidade libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2015, 2ª edição.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SADE, Marquês de. **A filosofia na alcova.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

SADE, Marquês de. **Justine ou os tormentos da virtude.** Tradução de Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. 1 edição. São Paulo: Iluminuras, 2019.

SADE, Marquês de. Nota sobre romances ou a arte de escrever ao gosto do público. *In:* SADE, Marquês de. **Os crimes de amor.** Porto Alegre: L&PM, 2002.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

THE SADISM OF THE READER IN *JUSTINE*

Nicole Ayres Luz

Universidade Federal Fluminense (UFF)

(nicolealuz@netway.psi.br)

ABSTRACT

This paper aims to analyze the sadism of the reader in the work *Justine, or the misfortunes of virtue*, by Marquis de Sade, published in 1791. We will discuss *Justine* and how the reader can be considered a sadist, since he can take pleasure in the title character's repeated sufferings, protected by the fictional pact. To do so, we will use the concepts of monstrosity by Jeffrey Jerome Cohen, artistic fear by Julio França, model and empirical reader by Umberto Eco and catharsis of Aristotle, as well as some names of the reception-aesthetic, Jauss and Iser. We will also consider the concept of the sadism in science and literature.

Keywords: Sadism; Reader; Reception; Marquis de Sade; *Justine*.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

EL SADISMO DEL LECTOR EN *JUSTINE*

Nicole Ayres Luz

Universidade Federal Fluminense (UFF)

(nicolealuz@netway.psi.br)

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar el sadismo del lector en *Justine o los infortunios de la virtud*, del Marqués de Sade, publicado en 1791. Hablaremos de Justine y de cómo el lector puede ser considerado un sádico, ya que puede sentir placer en los repetidos sufrimientos del personaje del título, protegido por el pacto ficticio. Para ello, utilizaremos los conceptos de monstruosidad de Jeffrey Jerome Cohen, miedo artístico de Julio França, lector modelo y lector empírico de Umberto Eco y catarsis de Aristóteles, así como algunos nombres de la estética de la recepción, Jauss e Iser. También analizaremos el concepto de sadismo en la ciencia y la literatura.

Palabras-clave: Sadismo; Lector; Recepción; Marqués de Sade; Justine.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------